Revista de Ciências Humanas e Sociais | ISSN: 2447-0244
Vol.2, n. 2, set-dez. 2016 Missões

# NAZISMO NO BRASIL MERIDIONAL DURANTE O ESTADO NOVO

# NAZISM IN SOUTHERN BRAZIL DURING THE NEW STATE

Luiz Francisco Matias Soares[1]

**Resumo:** Neste artigo, analisamos algumas circunstâncias que indicaram a ação do Nazismo durante o Estado Novo na região meridional do Brasil. Região onde estão localizados Brasil, Argentina e Uruguai.

**Palavras-chave:** Espionagem, Nazismo, Estado Novo.

**Abstract:** In this article, we analyze some circumstances that indicated the action of the Nazism during the Estado Novo in the southern region of Brazil. Region where Brazil, Argentina and Uruguay are located.

**Keywords:** Espionage, Nazism, New State.

O Nazismo possuía uma base via relações internacionais de prospecção de matérias primas para a sua sustentação. Seguiu plano e métodos elaborados pelo Alto Comando Alemão que contava com serviço de espionagem. Por outro lado, houve uma resposta pelo lado do Brasil, com um conjunto de medidas de combate a espionagem nazista pelo aparato policial brasileiro repressivo da Deops no Estado Novo. Contava com ligações desde o Brasil até Argentina e Uruguai.

A Alemanha do final do século XIX e início do século XX, corria para se equiparar aos países como Inglaterra. Depois da derrota na primeira guerra, aos poucos a Alemanha foi se direcionando para a elaboração de um sistema de controle da América Meridional, nos países como Brasil, Argentina e Uruguai. Ao Sul da América houve planejamento geopolítico-militar nazista com um serviço de espionagem.

Neste aspecto, Seitenfus(2003, p.16) observa que, "A obtenção de matérias-primas [consistiu] num dos objetivos essenciais da política comercial alemã. Conforme circular n. 13, de junho de 1934, dirigido por Ulrich, conselheiro do diretor do Departamento de Economia da Wilhelmstrasse (Ministério das Relações Exteriores da Alemanha), a todas as missões

[1] Doutorando em História pelo PpgH – UPF /RS. E-mail: mat_luiz@hotmail.com

diplomáticas alemãs no exterior. In Documents on German Foreign Policy (DGP), v. III, p. 26-36."

**O esquema internacional**

As fábricas da Europa, possuíam áreas comerciais que desempenhavam, junto com o sistema bancário, um importante papel de prospecção de novas contas e assim garantiam remessas de matéria-prima para transformação na Europa. As encomendas retornavam em forma de produtos industrializados já que a os países da América do Sul não possuíam parques industriais capazes de atender a demanda de uma população que crescia e se desenvolvia cada vez mais com urbanização.

No Velho Mundo, os países que possuíam indústria disputavam mercados, no século XX, perseguiriam espaços para garantir o fornecimento de matérias-primas e para escoar a produção e atender o consumo e assim se capitalizar. O imperialismo do século XIX, elaborado para garantir as colônias na África, Ásia e atender suas demandas. Para a América do Sul a estratégia nazista também estaria voltada para a prospecção.

Cabe ressaltar que, os demais países imperialistas também utilizavam-se de métodos que envolviam a utilização de redes de ligações comerciais voltados para atividades industrial e militar. A economia era assunto de Estado e como tal, a utilização de todo um arcabouço voltado para a competição na economia era tratada como assunto de primeira grandeza. Ao mesmo tempo que a Inglaterra possuía uma rede de informações comerciais e militares ligadas à Marinha Real em todo o mundo.

Assim, os nazistas na América do Sul faziam espionagem econômica e militar com o objetivo de saber o que os aliados estavam comprando de matéria prima e retornando com produtos industrializados da Alemanha. Aproveitavam-se assim dos contatos comerciais e enviavam elementos treinados pelo Alto Comando Alemão para espionagem do que estava sendo embarcado nos portos dos países sul americanos. Quando foram percebidos, na região, desencadeou-se as ações repressoras da Deops no período do Estado Novo no Brasil Meridional.

**Brasil Meridional: o Rio Grande do Sul como parte do esquema internacional**

A produtividade e a eficiência dos negócios da Alemanha, no atendimento dos mercados na América do Sul, já no pós primeira guerra mundial, fez com que seus rivais

ingleses se preocupassem cada vez mais com o avanço em direção dos negócios estratégicos do imperialismos inglês.

De outro lado, os Estados Unidos da América do Norte, procuraram desenvolver ligações com a América do Sul. O raio de influência dos norte-americanos era muito baseado na questão econômica. Mas, a Alemanha conseguia manter-se com bom relacionamento com os países Sul-americanos, contrabalançando com a importação os negócios voltados para a mineração, produção de alimentos, algodão. Faz-se daí um mercado interessante para a América Meridional.

Além da esfera comercial, no tocante à dominação expansionista, voltada para a garantia de um espaço vital para a Alemanha, Seitenfus(2003, p.16) descreveu uma preocupação que preconizava uma dominação na América do Sul, com países fornecendo matéria-prima e sendo protetorados com certa parcela de autonomia. Diz que "Na Alemanha, autores como Otto, R. Tannenberg esforçam-se para justificar a necessidade de encontrar um espaço vital para a Alemanha.

Há diversas bibliografias da época que apontam uma linha estratégica para a construção de um aproveitamento, por vezes territorial, o chefe de polícia do Rio Grande do Sul, no período da intervenção do Estado Novo, Aurélio da Silva Py(1942), observou na obra de Tannenberg, passagens que incluíam a América Meridional Alemã como fornecedora, na zona temperada, de um terreno de colonização, prevendo ainda para antes da década de 1950, a subjugação da América do Sul pela Alemanha Nazista, a seguinte afirmação de Tannemberg também foi anotada por Py(1942) que O Chile e a Argentina poderiam conservar a sua língua e uma certa autonomia. Mas, seria exigido que, nas suas escolas, o alemão fosse segunda língua. No Sul do Brasil, no Paraguai e no Uruguai, alemão seria a língua nacional".[2]

Ainda sobre Tannenberg, agora visto por Seinteifus(2003,p.16), "No que diz respeito ao Brasil. A região meridional do Brasil, Mato Grosso do Sul e Goiás, bem como os estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo, na condição de regiões de "cultura alemã", deverão adotar o alemão como língua nacional. Tannenberg preconiza a divisão da América do Sul (Centro e Norte para a Grã-Bretanha; o Noroeste e a América Central seriam dos Estados Unidos)."

No livro "Gross Deutschland die Arbeit des XX Jahrhunderts", publicada em francês (Lausanne, Payot, 1916, 338 p.) sob o título Las Plus Grande Allemagne: I´oeuvre du XXème

[2] Ver mais em: Py, Aurélio da Silva. A 5ª Coluna no Brasil, 3ª ed. Porto Alegre: Globo, 1942.

siède, o autor trata também do caso da América Latina como colônia alemã. Ele, também aspira a criação de um "território alemão" na parte meridional da América do Sul, englobando o Chile, a Argentina, o Uruguai, o Paraguai e o sul da Bolívia. Esses países poderão conservar uma certa autonomia, mas permanecerão sob a proteção e a influência preponderante da Alemanha."

O interesse alemão pela América Meridional, onde localiza-se o Rio Grande do Sul, era para viabilizar o espaço necessário ao desenvolvimento da economia e fornecimento de matéria-prima, mola mestra das indústrias, que faria com que houvesse a superação da falta de espaço vital naquele momento, fator que impedia a liderança da Alemanha, primeiro na Europa, depois no mundo. Este espaço, o Lebensraum, quer dizer, em alemão, "espaço para viver".

Isto também fazia com que a Alemanha buscasse ainda em outras regiões, como na África, o abastecimento de energia como o petróleo ou fornecimento de outros minérios, borracha e alimentos que poderiam ser explorados perfeitamente na América do Sul. A questão era, como conquistar estes mercados e territórios sem dispender de grandes e rápidas movimentações de tropas ultramarinas?

Sem dúvida, uma manobra muito distante significava calcular longa e dispendiosa campanha militar. Antes, havia espaços a serem conquistados, militarmente, na Europa e regiões mais próximas. Há, na questão da necessidade de espaço para o desenvolvimento, uma grande motivação em que o Estado nazista incluiria a América do Sul e o Brasil como possibilidade de formar o seu Lebensraum. Planejamento, estratégia, investimentos econômicos e espionagem militar. Seriam os poços adotados.

O Nazismo e o Estado Novo

Para a estratégia militar, uma manobra muito distante significava calcular longa e dispendiosa campanha militar. Antes, haviam espaços a serem conquistados, militarmente, na Europa e regiões mais próximas. Havia a necessidade de espaço para o desenvolvimento. Era uma grande motivação em que o Estado nazista incluiria a América do Sul e o Brasil como possibilidade de formar o seu Lebensraum. O planejamento, a estratégia, os investimentos econômicos e a estratégia militar seriam os passos adotados.

Foi montada uma estratégia contando com a infiltração de elementos treinados pelo Alto Comando Alemão e monitorados pela Gestapo. Além de terem o suporte da Embaixada Alemã no Rio de Janeiro e os Consulados espalhados pelos estados brasileiros, incluiriam o braço político e ideológico alemão do NSDAP, Deutsche Arbeiter Partei, ou traduzindo para

o português, Partido dos Trabalhadores Alemães. Toda a atividade seguiu aproveitando-se das deficiências organizacionais brasileiras. [3] No começo, em 1935, o chefe de polícia do Distrito Federal, Filinto Müller, em função do combate ao comunismo, aproximou-se das autoridades alemãs no Brasil.

Em novembro daquele ano, haviam rumores de levante comunista. O Estado brasileiro solicitou a cooperação entre as autoridades policias brasileiras e alemãs. O anticomunismo fez com que Filinto Müller buscasse um suporte, um aparato policial internacional que conhecesse as ações comunistas na origem. Em setembro de 1936, Müller procurou o embaixador alemão, no Rio de Janeiro, Arthur Schmidt-Elskop para fomentar a aproximação e o treinamento da temida Gestapo, a Geheime Staatzpolizei. [4]

O nível de cooperação ao que estamos nos referindo, foi possível, naquele momento, devido ao Brasil assumir uma condição de neutralidade, que ora tendia para o lado alemão e mantinha um bom nível de relacionamento. Entre os países que disputavam mercados e fornecedores de matérias-primas, a Alemanha buscava implementar sua presença no Brasil. A aproximação era profundamente desejada pelas duas partes, tanto que ainda em 1936, foi proposto um acordo secreto pelo Almirante Wilhelm Canaris que exercia o comando do Abwer, Serviço Secreto que contava com espiões, contra espiões e sabotadores em todo o mundo e também era subordinado ao Alto Comando Alemão.[5]

Este quadro, viabilizou o desenvolvimento do braço político Alemão no Brasil até o Rio Grande do Sul. Com maior espaço, o partido alemão, NSDAP, pode se movimentar confortavelmente. Este, ganhou maior volume com a subida de Hitler ao poder, em 1933. Até chegar à 1938, ano da proibição dos partidos políticos pelo Estado Novo no Governo Vargas e o consequente impedimento de atividades estrangeiras no Brasil.[6]

Mas, já em 1937, antes da proibição, os nazistas estavam sendo monitorados pelo Estado brasileiro. No aspecto geral, como já se sabia, um grande interesse e investimento alemão em uma estratégia nazista mundial. Porém, a medida que o tempo foi passando, os contornos econômicos e militares foram se caracterizando num regime totalitário na Alemanha e o mundo, inclusive no Brasil, passou a observar os movimentos nazistas com maior atenção. O Alto Comando Alemão criou a Auslandorganization e destinou uma verba

[3] Amorim, Aluízio Batista de. Nazismo em Santa Catarina. Florianópolis: Insular, página 55, 2000. Segundo relata Amorin: "A história do Partido Nazista começou na Bavieira, onde foi fundado em 1919 pelo ferroviário Anton Drexler, com o nome de Deutsche Arbeiter Partei (Partido Operário Alemão)."
[4] Hilton, Stanley E. Suástica sobre o Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
[5] Ibidem.
[6] Py, Aurélio da Silva. A 5ª Coluna no Brasil, 3ª ed. Porto Alegre: Globo, 1942.

de 262 milhões de marcos para a penetração do nazismo no estrangeiro, repassando deste valor, 20 milhões de marcos para a Gestapo[7].

A Gestapo era tão temida, até pelos próprios nazistas. Quando no front, usava uniformes negros e era uma fração de elite dentro das tropas militares nazistas. Quando em outras operações, mesmo assim, seus agentes eram temidos, usavam ternos escuros, casacos de couro negro. Apavoravam os outros agentes nazistas, aos quais treinavam e forneciam equipamento para espionagem no exterior, além de monitora-los.

Em resumo, a Gestapo era a eficiência de um organismo da modernidade. Haviam 2.450 agentes diretos e mais inúmeros indiretos, contando com o suporte das embaixadas e consulados.[8] Com um investimento tão grande, só na parte da espionagem, é de se supor que o Estado Alemão não o fizesse sem suporte, parcerias econômicas e sem contabilizar o retorno de cada níquel calculando-o com uma probabilidade de risco reduzido, como vimos a eficiência e a insensibilidade eram efeitos da modernidade. Esta composição, até antes do começo da Segunda Guerra, em 1939, contava com investimentos e planejamento econômico e a monitoração da Gestapo, indiretamente, também no esquema financeiro.

## Considerações Finais

O dinheiro chama o dinheiro. Dizia um ditado popular. Assim, a Alemanha buscou em países como o Brasil, estabelecer relações econômicas, inserindo o seu braço político ideológico, o NSDAP, o suporte e o aparato militar, além do monitoramento pelas frações de elite como a Gestapo. As relações comerciais eram acompanhadas pelos militares e o interesse do Estado Alemão em prospectar o maior número possível de subsídios, também no Brasil Meridional, para servirem ao desenvolvimento do nazismo do Terceiro Reich.

## REFERÊNCIAS

AREND, Hannah. *Origens do Totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo,totalitarismo.* São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *Eichmann em Jerusalém.* São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. *Dicionário de Nomes, Termos e Conceitos Históricos*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 1990.

[7] Pode-se ver mais sobre as movimentações de regimes totalitários no grupo das disputas imperialistas e que no fundo desrespeitavam a instituição das sociedades livres ao adotarem, como no nazismo, um forte aparato de sociedades secretas e serviços secretos distribuídos no mundo em ARENDT, Hanna, in Origens do totalitarismo, São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

[8] Py, op. Cit.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto.* Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BENVENUTO, Estela Carvalho, *A polícia política e a revista Vida Policial: uma face do Estado Novo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997.

BLACK, Edwin. Nazi Nexus, America´s Corporate Connections to Hitler´s Holocaust. Dialog Press. Whashington, DC. 2009.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política, verbete Sociedade Civil*. Ed. UnB Brasília. DF, 2002.

COSTA, Sérgio Corrêa da. *Crônica de uma guerra secreta. Nazismo na América: A conexão argentina*. Rio de Janeiro, Record, 2004.

DIETRICH, Ana Maria. Nazismo Tropical? O partido nazista no Brasil. Tese de doutorado. USP, São Paulo, 2007a.

DIETRICH, Ana Maria. Caça às Suásticas: o Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política. São Paulo: Humanitas; Imprensa Oficial do Estado, 2007b.

Estrutura de um projeto de pesquisa. FACULDADES INTEGRADAS DA UN. CATÓLICA DE BRASÍLIA. Brasília: UBEC, abr. 1993. (Série filosofia nº2).

EVANS, Richard J. O terceiro reich no poder. São Paulo: Planeta, 2014.

EVANS, Richard J. O terceiro reich em guerra. São Paulo: Planeta, 2014.
FIGUEIREDO, Lucas. *Ministério do Silêncio: a história do serviço secreto brasileiro de Whashington Luís a Lula(1927 – 2005).* Rio de Janeiro: Record, 2005.

FORTES, Alexandre. Nós do quarto distrito..: a classe trabalhadora portoalegrense e a Era Vargas. Caxias do Sul: EDUSC; Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

FONTES, Virginia. *O Brasil e o capital-imperialismo: teoria e história.* Rio de Janeiro, EPSJV, UFRJ, 2010.

GERTZ, René. *O fascismo no Sul do Brasil. Porto Alegre*: Mercado Aberto, 1987.

GERTZ, René. *O perigo Alemão*. Ed. da Universidade UFRGS. Porto Alegre, 1991.

GERTZ, R. (Direção); TAU GOLIN, Nelson Boeira(Cordenação Geral). República. Da Revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985). Passo Fundo: Méritos, 2007. História Geral do Rio Grande do Sul. Vol. 4

GILBERT, Martin. *A segunda Guerra Mundial: os 2.174 dias que mudaram o mundo*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

GONZALES, Sonia. Cronologia histórica da Polícia civil no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Polost, 2006.

HILTON, Stanley. *A guerra secreta de Hitler no Brasil: a espionagem alemã e a contra-espionagem aliada no Brasil*, 1939- 1945. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

HOBSBAWN, Eric J. *A Era dos Extremos*. São Paulo/SP. Paz e Terra, 1996.

LUCAS, Tais Campelo. Nazismo d'além mar: conflitos e esquecimento (Rio Grande do Sul, Brasil). Tese de doutorado. UFRS, Porto Alegre, 2011.

MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl. Alemanha, mãe-pátria distante; utopia pangermanista no sul do Brasil. Tese de doutorado, UEC, Campinas, 1993.

MATTOS, Carlos de Meira. *Geopolítica e teoria de fronteiras: fronteiras do Brasil. Rio de Janeiro*: Biblioteca do Exército, 1990.

MAZOWER, Mark. O império de Hitler: a Europa sob o domínio nazista. São Paulo : Companhia das Letras,2013.

MORRIS, Charles R.. Os magnatas: como Andrew Carnegie, John D. Rockefeller, Jay Gould e J.P. Morgan inventaram a supereconomia americana. Porto Alegre, RS: L&PM, 2007.

NATL, Edwin Black. Nazi Nexus. Book Network, EUA, 2009.

O Nazismo no Rio Grande do Sul – relatório do Cap. Aurélio da Silva Py, Chefe de Polícia do Estado. Secreto. [1943]

PY, Aurélio da Silva, A 5ª Coluna no Brasil: a conspiração nazi no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1942.

SCHLESENER, Anita Helena. *Hegemonia e Cultura: Gramsci* . Curitiba: Ed. UFPR, 2007.

SUTTON, Antony C. Wall Street And The Rise of Hitler. GSC & Associates, San Pedro, California, USA, 2002.

TOOZE, J. Adam. *O preço da destruição: construção e ruina da economia alemã*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

URWAND, Ben. The Collaboration. Harvard University Press, 2013.

WEIZENMANN, Tiago. Cortando as Asas do Nazismo. Representações e imaginário sobre o nazismo na revista Policial(1942-1944). Dissertação de mestrado. UNISINOS. Rio Grande do Sul, 2008.